

XXIX Congresso da ALAS, Chile, 2013

Investimento direto externo chinês na América Latina: fluxo de capital e competição intercapitalista

Sistematização de processo de investigação)

GT27 – Sociologia Econômica

Ricardo Alaggio Ribeiro

Resumo

Este trabalho objetiva analisar o IDE chinês na América Latina no período recente, considerando as implicações econômicas desta nova presença e as implicações sociais e políticas desta busca por recursos que deve afastar antigas parcerias, deslocar capitais, criar tensões e novas pressões competitivas entre as potências hegemônicas no continente. Para tanto, inicialmente, faz-se um relatório do IDE mundial e a seguir do IDE chinês na região; em continuação, verifica-se para quais setores e atividades econômicas este investimento direcionou-se. Por último, busca-se identificar e analisar as mudanças em jogo, desenhando um panorama da luta intercapitalista advinda da nova configuração da competição global tal como se desenha na América Latina.

Palavras-chave: Investimento direto externo chinês. Relações econômicas internacionais. Economias latino-americanas.

1 Introdução

Na atual fase do processo de globalização - a partir da década de 1970 - os movimentos de capitais sobressaíram-se na dinâmica da economia mundial. Nas últimas décadas, o poder econômico vem ganhando maior importância no contexto mundial, no qual o investimento direto externo (IDE) tem se destacado, exigindo maior competitividade entre os agentes produtores de bens e serviços e intensificando e estreitando relações políticas e econômicas entre os atores envolvidos - Estados e empresas e estes entre si.

Por outro, o investimento direto estrangeiro que se dirige a um determinado mercado externo – o que podemos chamar de outra forma de *exportação de capitais* – provém basicamente do mesmo processo que induz a exportação de mercadorias, a saber, o ritmo da acumulação interna das empresas oligopolistas, que são as maiores exportadoras de capital, quando estas acumulam um potencial de crescimento superior aos do ritmo de expansão dos mercados internos onde ela já produz.

Assim, a pressão para substituir a exportação de mercadorias pela exportação de capitais para o exterior, com o objetivo de produzir mercadorias nestes novos mercados, pode surgir da acumulação de lucros e do processo de competição entre as empresas. As empresas transnacionais, detentoras do controle de ativos específicos (capital e tecnologia), tornaram-se o *locus* principal do IDE mundial devido ao seu poder econômico e capacidades gerenciais, organizacionais e metodológicas (cf. Gonçalves, 2002). O IDE é uma das formas de internacionalização e pode ser realizado mediante fusões e aquisições (F&A), construção de novas instalações para a produção de bens ou serviços ou expansão

das já existentes, empréstimos intercompanhias, reinvestimento de lucros, aquisição de marcas já conhecidas, *joint ventures* etc.

Mais recentemente verificaram-se importantes mudanças nas pautas mundiais do IDE, mudanças que precederam a atual crise e que devem se intensificar mesmo a curto e médio prazo. A principal destas, sem dúvida, é a expansão mundial do capital chinês, a princípio dentro da zona asiática, posteriormente, atingindo o continente africano e agora alcançando a América Latina, por muito tempo locus da hegemonia do investimento americano e europeu. A expansão chinesa tem como pressuposto a idéia de que o desenvolvimento econômico interno depende de um ambiente externo favorável, obtido através de uma ativa interação da China com o comércio de bens e serviços, com um amplo acesso aos mercados de recursos naturais e insumos de toda ordem; bem como uma expansão, quando necessária, do investimento, do fluxo de capital chinês.

No caso da América Latina, os interesses chineses se enquadram dentro desta sua busca global por recursos minerais e commodities agrícolas e este trabalho objetiva analisar o IDE chinês na América Latina no período recente, considerando as implicações econômicas desta nova presença e as implicações sociais e políticas desta busca por recursos que deve afastar antigas parcerias, deslocar capitais, criar tensões e novas pressões competitivas entre as potências hegemônicas no continente. Para tanto, inicialmente, faz-se um relatório do IDE global e do investimento chinês na região; em continuação, para melhor entendimento das transformações em curso, identifica-se para quais setores e atividades econômicas este investimento direcionou-se. Por último, busca-se identificar e analisar as mudanças em jogo, desenhando um panorama da luta intercapitalista advinda da nova configuração da competição global tal como se desenha na América Latina.

2 O investimento direto global: uma caracterização

A partir da Conferência de *Breton Woods*, em 1944, que visava criar “uma ordem econômica no pós-guerra, liberal e internacionalista” (Moffitt, 1984), os Estados Unidos assumiram o papel de potência hegemônica.¹ Os acordos de *Breton Woods* foram os embriões do processo de internacionalização do sistema financeiro, e as novas regras estabelecidas levaram à retomada da confiança nos empréstimos internacionais, fazendo com que as multinacionais norte-americanas se expandissem ainda mais.

2.1 A importância do IDE americano

Conforme Gilpin (2002.), “Desde o fim da Segunda Guerra Mundial nenhum aspecto da economia política internacional gerou mais controvérsia do que a expansão das empresas multinacionais.” Ao longo dos anos 1960 e até meados da década de 1970, as multinacionais americanas dominaram o cenário internacional, enquanto a sua produção em outros países superava as próprias exportações. Porém, surgiram novos atores desafiando sua preeminência (multinacionais européias e japonesas principalmente, que também investiam nos Estados Unidos). Em meados dos anos 1980, “empresas de muitas nacionalidades penetravam os muitos rincões do mundo” (p. 260) e a produção no exterior passou a ser um componente vital das estratégias globais. Ainda assim, as empresas americanas continuaram sobressaindo-se: um investimento direto acumulado de US\$ 11,8 bilhões em 1950, elevou-se para cerca de US\$ 233,4 bilhões em 1984. Este crescimento não se deteria apesar das mudanças observadas na economia norte-americana.

¹ Pode-se inferir que isto decorreu também de um vácuo de poder desde a I Guerra Mundial.

Nos anos 90, Pelos dados registrados no *Bureau of Economic Analysis* (2011), observa-se a crescente elevação da posição do IDE americano no exterior em todas as regiões do planeta, movimento também observado na América Latina e no Brasil, embora no caso brasileiro as taxas de crescimento do investimento americano não tenham sido tão expressivas como na América Latina considerada como um todo – onde se encontram parceiros um pouco mais preferenciais: México, Caribe, Chile etc. Outras regiões também observaram uma taxa maior de crescimento do IDE americano: Europa – principal destino deste investimento – e a Ásia por efeito das enormes possibilidades ali abertas pela ascensão dos tigres asiáticos e posteriormente da China.

Durante os últimos 30 anos os EUA passaram a ter um significativo déficit na sua balança comercial, fenômeno vinculado ao fato de que no mesmo período o consumo pessoal das famílias americanas tornou-se o principal vetor de crescimento da economia norte-americana. Este consumo privado tem sido largamente financiado pela poupança de outros países, detentores de vastas reservas em dólar como é o caso da China, Japão e mesmo o Brasil. Evidentemente este é um padrão de crescimento inviável no longo prazo e que mostrou seus limites já na crise de 2008/09. Neste sentido, desde 2007, a economia norte-americana apresenta uma redução da sua propensão a importar como resultado dos problemas apresentados (CEPAL, 2011).

Contudo a crescente dívida externa americana não impediu que o país se caracterizasse como o maior recipiente mundial de IDE. Em 2008, um ano de crise, a economia americana, conforme dados da UNCTAD, recebeu um massivo fluxo de US\$ 325 bilhões de IDE. A China, segundo colocado, recebeu US\$ 108 bilhões, quase três vezes menos. O estoque de investimento direto externo nos EUA alcançou mais de US\$ 3,2 trilhões conforme dados da UNCTAD, um valor que supera de longe os valores de IDE recebidos pelo Reino Unido, o segundo colocado, cujo estoque de investimento externo chega a US\$ 1,4 trilhões.

Da mesma forma, a economia americana possui o maior estoque de IDE no estrangeiro. Maior investidor internacional, os EUA possuem um estoque de investimento no exterior no valor de US\$ 4,1 trilhões em 2009 (UNCTAD,2010). Neste mesmo ano, as empresas americanas foram as maiores investidoras mundiais com um fluxo de US\$ 250 bilhões, seguidas pelas empresas francesas (US\$150 bilhões) e pelas japonesas (75 bilhões).

O Bureau of Economic Analysis – BEA, avalia este capital acumulado de forma diferente da UNCTAD. O estoque de IDE no exterior teria passado de US\$ 430 bilhões em 1990 para US\$ 1,316 trilhão em 2000 um avanço de cerca de 206% em 10 anos. Posteriormente chegou a US\$ 3,5 trilhões em 2009 um avanço contínuo e progressivo de 170% em nove anos, configurando uma média de crescimento anual de aproximadamente 10% nos anos 2000, muito pouco diferente da média de crescimento anual anterior dos anos 90, de cerca de 11%.

Deve-se observar também que algumas importantes mudanças nas pautas mundiais de IDE precederam à crise atual e provavelmente se intensifiquem a curto e médio prazo, isto não só para o IDE americano. Todos os componentes das correntes de IDE experimentaram uma redução em 2009. As fusões e aquisições (F&A) no exterior, por exemplo, sofreram uma contração de 34% (65% em valor) em relação à redução de 15% no número de projetos de IDE em novas instalações. Mas, em 2010, o IDE tem experimentado um renovado dinamismo. As F&A transfronteiriças, que em 2009 não haviam superado os US\$ 250 bilhões, aumentaram 36% nos cinco primeiros meses de 2010, em comparação com o mesmo período de 2009 (UNCTAD, 2010).

2.2 Comportamento dos fluxos de capital estrangeiros mundiais

A tabela abaixo apresentada informa o estoque e o fluxo de capitais referentes ao investimento direto externo nos anos de 1980, 1990, 2000 e 2010 com o objetivo de fazer comparações e analisar tendências.

Tabela 1 – Estoque e fluxo de investimento direto externo. Mundo, economias em desenvolvimento, economias em transição e economias desenvolvidas .1980-2010.

Fluxo de Investimentos Diretos Externos				
Economias	1980	1990	2000	2010
Mundiais	51589,53	241498,48	1226632,8	1451364,7
Em desenvolvimento	3192,39	11914,02	135116,42	400144,12
Em Transição	-	-	3195,1	61644,19
Desenvolvidas	48397,14	229584,46	1088321,3	989576,38
Estoque de Investimentos Diretos Externos				
Economias	1980	1990	2000	2010
Mundiais	549303,99	2092927	7952878,4	20864846
Em desenvolvimento	72101,18	146094,31	857106,66	3313807,7
Em Transição	0	560,1	21337,01	406410,6
Desenvolvidas	477202,81	1946272,6	7074434,8	17144628

Fonte: Dados compilados pelo autor com base nos dados da Unctad (2013).

Nota: Dólares a preços atuais em milhões.

A tabela 1 mostra, antes de mais nada, a magnitude do fenômeno. Como se vê, entre 1980 e 2010, o fluxo anual de IDE realizado passou de US\$ 51 bilhões para US\$ 1451 bilhões, um aumento na ordem de 2800% - considere-se que em 2010 o capitalismo do eixo EUA-Europa Ocidental principais fontes do IDE mundial ainda encontravam-se em crise, o que explica a pouca evolução dos valores entre 2000 e 2010. Ao mesmo tempo, é evidente o grande avanço do IDE dos países em desenvolvimento que passaram de meros US\$ 4 bilhões em 1980 a US\$ 400,14 bilhões em 2010 puxado pelo dinamismo da China, da Ásia Oriental, dos países produtores de petróleo do Oriente Médio e outros países como o Brasil em pleno processo de diversificação e expansão de suas empresas em nível mundial.

Este progresso, porém, deve ser pensado dentro de certos limites ainda não ultrapassados. Verifica-se que é grande a diferença do estoque de investimento direto externo acumulado entre as economias desenvolvidas e em desenvolvimento, assimetria que remete a décadas de expansão do fluxo de capital das empresas dos países centrais em busca de lucro e avanço da acumulação do capital. Em verdade o estoque de capital das nações desenvolvidas em 2010, algo em torno de US\$ 20 trilhões, era cerca de seis vezes maior do que o valor registrado para as em desenvolvimento.

Note-se, pela tabela 2, o especial dinamismo das economias em desenvolvimento nas duas décadas passadas, quando estas economias se inserem mais vigorosamente no processo de globalização.

Tabela 2 – Fluxos de investimento direto externo. Mundo, economias em desenvolvimento, economias em transição e economias desenvolvidas. 1990-1999.

Investimentos Recebidos										
Economias	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
	207455	154072	165880	223316	255999	342798	390899	487853	706265	109143
Mundiais	,02	,74	,81	,26	,94	,55	,53	,50	,93	8,71
Em										
desenvolvi	34853,	39833,	53075,	76738,	103379	116207	148993	192113	189399	230710,
mento	48	89	52	41	,48	,68	,42	,34	,44	75
Em			1664,0	3143,0	2045,3	4106,7	5871,1	10349,	8121,7	
Transição	75,20	203,52	8	9	3	1	3	27	6	8607,27
Desenvolvi	172526	114035	111141	143434	150575	222484	236034	285390	508744	852120,
das	,34	,33	,21	,76	,13	,17	,97	,89	,73	70
Investimentos Realizados										
Economias	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
	241498	198041	202634	242553	286887	363240	397769	477506	689700	108807
Mundiais	,48	,12	,74	,70	,76	,96	,72	,99	,05	8,51
Em										
desenvolvi	11914,	13476,	23156,	39319,	47529,	55723,	65406,	75218,	50294,	67344,7
mento	02	89	09	03	14	59	24	26	41	9
Em			1566,0	1041,6				3425,5	1411,3	
Transição	0,00	0,00	0	3	319,95	623,83	947,18	5	2	2291,06
Desenvolvi	229584	184564	177912	202193	239038	306893	331416	398863	637994	101844
das	,46	,23	,65	,04	,67	,54	,29	,18	,32	2,66

Fonte: Compilado pelo autor com base nos dados da Unctad (2013).

Nota: Dólares a preços atuais em milhões.

Nos anos 1990, como podemos observar na tabela 2, o investimento direto externo dos países em desenvolvimento, tanto em termos de IDE recebidos quanto em IDE realizados mostrou um crescimento relativo maior que os investimentos respectivos dos países desenvolvidos. A principal causa dessa tendência nos inícios dos anos de 1990 foi uma fase de recessão econômica de alguns países desenvolvidos e também uma queda nos rendimentos de empresas nos Estados Unidos, onde as taxas de juros também tiveram quedas e havia uma grande incerteza em relação à União Européia. (Silva, 2006). Por outro lado, as oportunidades nos países que liberalizaram as suas economias ao longo da década explicam, em parte, o avanço dos investimentos recebidos por estes pelo menos até o final da década quando o neoliberalismo começa a perder força.

A tabela 3, a seguir, mostra a permanência destas tendências na década dos anos 2000. Percebe-se claramente o fenômeno: após um grande aumento no IDE recebido e realizado dos países desenvolvidos no triênio 1998-2000 (quando chegam a dobrar), entra-se em um novo período de queda do IDE mundial, causado pela crise de confiança da crise das empresas de informática digitais, as incertezas trazidas pela unilateralidade da guerra ao terror e suas conseqüências ao nível econômico global. A partir de 2004, as economias em desenvolvimento passam a mostrar uma dinâmica de crescimento muito maior que as do mundo desenvolvido e vão passar pela crise de 2008 de forma muito mais leve, havendo apenas uma pequena queda nas duas categorias em 2009.

Tabela 3 - Fluxos de investimento direto externo. Mundo, economias em desenvolvimento, economias em transição e economias desenvolvidas. 2000-2009.

Fluxo de IDE										
Investimentos Recebidos										
Economias	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Mundiais	1400540	827617	627974	586956	744329	980727	1463351	1975537	1790705	1197823
Em desenvolvimento	255506	216865	173283	190124	291866	327247	427163	574311	650016	519225
Economias em Transição	7038,38	9511,13	11260	20023	30284	30853	54318	90800	121040	72386
Economias Desenvolvidas	1137996	601241	443431	376807	422179	622625	981869	1310425	1019648	606212
Investimentos Realizados										
Economias	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Mundiais	1226632	747656	528495	570679	925716	888560	1415093	2198025	1969336	1175108
Em desenvolvimento	135116	83087	47484	46667	122791	132507	239335	316863	328120	268475
Economias Em Transição	3195,10	2741,62	4670,60	10801,8	14129,	14309	23724	51583	60462,26	48840,4
Economias Desenvolvidas	1088321	661827	476341	513209	788795	741744	1152033	1829578	1580752	857792

Fonte: Compilado pelo autor com base nos dados da Unctad (2013).

Nota: Dólares a preços atuais em milhões.

Ainda pelos dados da UNCTAD, nos anos de 2010 e 2011 os fluxos de IDE recebidos dos países em desenvolvimento e desenvolvidos chegaram perto de uma equiparação - em 2010, U\$ 616 bilhões e U\$ 618 bilhões respectivamente – mostrando as mudanças em curso e a percepção vigente do ambiente econômico mundial.

Para que os investimentos externos terem tido tal crescimento e tamanha proporção, foi necessário que se fizessem presente as fusões e aquisições que influenciaram bastante os fluxos de investimentos nos anos 90, especialmente na América Latina. Em termos de participação das fusões e aquisições nos fluxos de IDE na região, o aumento médio foi de cerca de 46%, impulsionado pelas aberturas comerciais dos governos da região no período em questão (Silva, 2006). Os países onde estas operações tiveram maior presença foram Argentina, Brasil, Venezuela e México.

Os maiores fluxos de investimentos diretos externos recebidos pelos países em desenvolvimento, como podemos ver na tabela 04, estão na América Latina e na Ásia.

Tabela 4 - Fluxos de IDE em economias em desenvolvimento. Economias em desenvolvimento. 1980/2011

Fluxo de IDE						
Investimentos Recebidos						
Economias em desenvolvimento	em					
		1980	1990	2000	2010	2011
África		400,35	2845,31	9671,06	43122,14	42651,85
América Latina		6415,81	8926,09	97824,49	187400,68	216988,32
Ásia		542,59	22628,36	147786,8	384062,96	423156,97
Oceania		120,16	453,72	223,65	2074,92	1602,13

Fonte: Compilado pelo autor com base nos dados da Unctad (2013).

Nota: Dólares a preços atuais em milhões.

Na próxima seção, pode-se ver que estes fluxos para os países em desenvolvimento, especialmente na última década, decorrem da emergência e afirmação da força econômica de novos atores representativos na cena mundial, tais como a Rússia, Índia e especialmente a China. A ascensão desta recentemente ao posto de segunda maior economia mundial, aconteceu através de uma grande articulação com as forças econômicas da Ásia, América Latina, África, Europa, e em forma intensa, com a potência dominante, os Estados Unidos da América. (Pinto, 2011).

3 Investimento direto chinês global

Existe uma vasta e cada vez mais abundante literatura sobre a ascensão econômica da China e a importância deste movimento para a ordem política internacional. A parte a questão um tanto natural da China ter procurado um novo caminho como forma de superar a enorme pobreza do país não resolvida pelo regime maoísta, colocam-se várias outras razões para que o Partido Comunista Chinês tivesse resolvido dar tal quinada na sua orientação econômica:

- a) o crescimento econômico foi percebido como um instrumento com a função de maximizar o poder internacional da nação – colocados os sérios desafios de um ambiente de segurança regional na Ásia oriental e mesmo global em mutação (Kuik, 2012);
- b) o desempenho econômico passou a ser considerado pelo PCC como a fonte última de legitimidade do regime, embora existam outras. A sobrevivência política foi depositada no altar do crescimento econômico ininterrupto.

Este crescimento em fluxo contínuo possui três elementos importantes que incidem sobre o tema deste artigo. Primeiro, a ênfase dada ao comércio e aos investimentos, diversificando a produção, e aumentando os volumes do comércio com as mais diversas regiões do planeta. Segundo, a preocupação com os problemas financeiros internos e externos – a interdependência financeira é entendida nas suas vantagens mas também em suas possíveis repercussões negativas na economia chinesa. Por último, e mais importante, a China entende que o crescimento econômico contínuo dependeria de um fluxo de recursos naturais sem interrupções, preocupação que parece ter superado em alguns momentos, as políticas mais usuais que focam no acesso a capitais, tecnologia e mercados. (Kuik, 2012)

De fato em 2001, o governo chinês lançou a chamada estratégia “Going Global”, cujo objetivo principal, através de um vasto esforço diplomático, era o de alcançar um bom relacionamento com países produtores de commodities ao longo do planeta, assegurando fontes confiáveis de recursos para

os fins do crescimento da economia chinesa e ainda dos vastos planos de urbanização propostos pelo PCC, (Jacques, 2012).

Alguns autores consideram este direcionamento mais recente da China para os países em desenvolvimento como uma importante reconfiguração do poder econômico mundial ainda não bem entendido pelos países do Ocidente. Não obstante, muitas críticas surgiram mais recentemente muitas oriundas de países africanos que participaram da primeira onda desta busca global por recursos. Dois argumentos são fundamentais: primeiro a necessidade para o futuro de preservação dos recursos naturais, evitando a sua super exploração. Segundo, a ameaça de que a China estaria contribuindo para a desindustrialização destes mesmos países que concordam em fornecer de forma sistemática os recursos naturais em questão.

Mais recentemente a obra de Dambisa Moyo, “Winner take all – the China race for resources and what it means for us”, coloca o problema de forma mais dramática, desenhando o impacto que este “rush” chinês sobre os recursos globais pode ter do ponto de vista político, econômico e humano. Sem considerar a análise destas conseqüências, é importante delinear aqui como funciona a estratégia “going global” a partir de seus elementos fundamentais: as transferências financeiras, trocas comerciais e investimento, cujo fundamento econômico são as enormes reservas em dólar acumuladas pela República Popular da China durante sua expansão comercial.

As transferências financeiras se baseiam em uma estratégia de fomentar a “ajuda externa” para países mais pobres e emprestar dinheiro para nações que possuem recursos desejados pela máquina industrial chinesa. Tanto para a ajuda externa como para os empréstimos uma peça fundamental é o Export-Import Bank of China.

Além deste, existem quatro outros bancos estatais chineses voltados para o financiamento do comércio chinês de mercadorias com o resto do mundo (Moyo, 2012) Esta é outra estratégia: disponibilizar vastas somas de moeda internacional na direção de mercados consumidores, com o objetivo de financiar a compra de produtos chineses, além de financiar a exportação de produtos chineses através de empréstimos diretos e todo tipo de facilidades financeiras.

O outro tripé da estratégia global é o investimento externo. A produção de mercadorias através da entrada de firmas chinesas em novos mercados, instalando ali novas unidades produtivas, forma tradicional de IDE não parece ser o principal método chinês, especialmente na América Latina. A preocupação com a posse rápida dos ativos necessários implica em três formas básicas através das quais se articula o investimento na região.

A principal delas é a compra direta de ativos que interessam, minas, fazendas, terra, ou mesmo companhias inteiras que aumentem a oferta de commodities para a mercado chinês. Duas outras táticas mais sutis e por vezes de difícil contabilização são usadas. Uma é a compra da produção de uma empresa, ou parte dela, através de transações de “swaps” cambiais, garantindo fornecimento por longo tempo – o que não chega a ser formalmente um IDE. Outra tática é comprar participações em empresas através de investimento em fundos de hedge, fundos de “private equity” e outros que possuam ativos em determinados países produzindo commodities. Neste caso o IDE não é registrado pelo Banco Central do país em questão, o que tem sido uma das fontes da baixa transparência dos negócios chineses através do mundo em desenvolvimento.

3.1 O fluxo de investimento direto chinês

De acordo com os dados existentes, durante as décadas de 80 e 90 a China foi uma recebedora líquida de investimentos, sendo que os maiores localizaram-se nas áreas de tecnologia, eletrônica e automobilística, o que reflete o grande interesse dos países investidores no crescimento dessas áreas no

país, e ao mesmo tempo, as diretrizes da política interna que busca o controle da tecnologia como estímulo ao crescimento endógeno dos investimentos (Acioly, 2009).

Nos anos 2000 (tabela 5, adiante) percebe-se uma tendência de aumento dos investimentos chineses para o estrangeiro, tendência tal que se afirma mais fortemente entre 2004 e 2009, quando os investimentos realizados passam por um aumento superior a 900%. Os dados existentes para 2010 e 2011 (tabela 6, a seguir) mostram a manutenção do IDE chinês em um nível alto, mostrando a continuação vigorosa da política do “going global” e a relativa infensibilidade destes projetos à crise das economias desenvolvidas.

Tabela 5 - Fluxos de investimento direto externo. China. 2000-2009

Fluxo de IDE										
Investimentos Recebidos										
Economia	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
	40714,8	46877,5	52742,	53504,			7271		10831	9500
China	1	9	9	7	60630	72406	5	83521	2	0
Investimentos Realizados										
Economia	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
			2518,4	2854,6	5497,9	12261,	2116	22468,8		5653
China	915,78	6885,4	1	5	9	2	0	6	52150	0

Fonte: Compilado pelo autor com base nos dados da UNCTAD (2013).

Nota: Dólares a preços atuais em milhões.

Tabela 6 - Fluxos de investimento direto externo. China. 2010-2011

Fluxo de IDE		
Investimentos Recebidos		
Economia	2010	2011
China	114734,00	123985,00
Investimentos Realizados		
Economia	2010	2011
China	68811,00	65117,00

Fonte: Compilado pelo autor com base nos dados da UNCTAD (2013).

Nota: Dólares a preços atuais em milhões.

Contudo existe discrepâncias quanto aos valores dos investimentos realizados no exterior. Pelas estatísticas já mostradas aqui com dados da UNCTAD os valores somados do IDE chinês seriam, para o período 2005-2011, de U\$ 298 bilhões. Se avaliarmos pelos dados disponibilizados pela Fundação Heritage estes subiriam para U\$ 316 bilhões no período considerado, chegando a U\$ 386 bilhões, computando-se os valores referentes ao ano de 2012. A Fundação Heritage é um “think tank” norte-americano que se dedica a mensurar o IDE chinês em torno do planeta, através do que a Fundação chama de “China Global Investment Tracker”, tendo como pressuposto a falta de transparência que muitas vezes esconde estes investimentos.

4 O investimento chinês na América Latina

Diante dos fatos apresentados não há dúvida de que a América Latina é um pivô importante na busca chinesa por recursos naturais, considerados importantes pela suas empresas e que, sem dúvida é neste setor que se concentram os investimentos diretos externos projetados e realizados no continente.

A tabela 7 mostra os fluxos de IDE recebidos por alguns países latino-americanos com o intuito de marcar algumas comparações.

Os dados mostram o dinamismo recente das economias chilenas e brasileiras como ambientes altamente atrativos ao investimento externo. Mostra o crescimento da Colômbia nos últimos anos – talvez moldado pela intensa movimentação bilateral com os EUA, e ainda uma queda relativa da Argentina e da Venezuela ao longo da década, embora o capital chinês esteja cada vez mais disposto a investir na Argentina e já tenha feito vários acordos com a petroleira oficial venezuelana.

Tabela 7 - Fluxos de IDE. Países selecionados

Fluxos de IDE					
Investimentos Recebidos					
Economias	1980	1990	2000	2010	2011
Argentina	678	1836	10418,31	7055,07	7243,15
Brazil	1910,2	988,8	32779,24	48506,49	66660,14
Chile	213,2	661,2	4860,00	15372,97	17299,02
Colômbia	157,14	500	2436,46	6899,26	13234,16
Venezuela	80,18	778,19	4701,00	1209,00	5302,00

Fonte: Compilado pelo autor com base nos dados da UNCTAD (2013).

Nota: Dólares a preços atuais em milhões.

O crescimento da China e seus investimentos como tendem a buscar países com grande potencial em produção e/ou exportação de recursos naturais, buscam nesta atual fase a América Latina:

Na América Latina o interesse primordial tem sido o acesso aos recursos naturais (petróleo, cobre, ferro), além do aumento do mercado para os produtos chineses. No momento existe espaço real para o crescimento das relações econômicas entre América Latina e China, que atualmente têm evoluído lentamente, pois estariam sendo emperradas pelo modelo que as empresas chinesas gostam de usar no exterior, especialmente no setor de construção (Accioly, 2009, p. 8).

De 1990 até 2009 os investimentos chineses na América Latina cresceram paulatinamente dando ênfase ao Peru e a Colômbia que apresentaram maior percentual como mostra a Tabela 08. O Peru recebeu aproximadamente 30% de todo o IDE chinês para o continente, enquanto a Colômbia recebeu cerca de 23%. Chamam a atenção os valores pequenos destinados ao Brasil e a Argentina e a ausência do Chile em relação aos valores confirmados e mesmos anunciados para 2010 e 2011.

Tabela 8 - Investimentos Estrangeiros Diretos Chineses em Economias selecionadas

Investimento direto externo chinês						
País	Confirmadas				Anunciadas (a partir de)	
	1990 - 2009		2010		2011	
	US\$ Milhões	%	US\$ Milhões	%	US\$ Milhões	%
Argentina	143	1,9	5550	36,4	3530	15,5
Brasil	255	3,5	9563	62,7	9870	43,4
Colômbia	1677	22,9	3	0
Costa Rica	13	0,2	5	0	700	3,1
Equador	1619	22,1	41	0,3
Guiana	1000	13,6
México	127	1,7	5	0
Peru	2262	30,8	84	0,6	8640	38
Venezuela	240	3,3
Total	7336	100	15251	100	22740	100

Fonte: CEPAL (2013), compilado pelo autor

De acordo com os dados compilados acima, percebe-se que o IDE chinês para a América Latina é um fenômeno novo que começa a fortalecer-se em 2009 e está em processo de ampliação. Nesta ampliação a partir de 2010, os investimentos chineses mudaram significativamente quando a participação do Brasil passou de 3,5% dos investimentos chineses para 62,7%, o que demonstra a importância do Brasil nesta nova conjuntura.

Para Oliveira (2012) o Brasil deve tornar-se um parceiro cada vez mais constante e com “acentuado ajuste qualitativo”. Isto porque, no caso brasileiro o investimento chinês estaria buscando menos os recursos naturais e sim, fixando-se em atividades manufatureiras, como estratégia de contornar barreiras comerciais brasileiras, atingir o grande mercado interno do país e a partir dele criar base de exportação para todas as Américas, como outros países já fizeram em várias indústrias brasileiras.

Chama atenção o fato de haver uma enorme discrepância entre os dados do Banco Central do Brasil - BCB em relação a estes investimentos e o anunciado e percebido em várias instâncias nacionais e mundiais, fato que deve repetir-se para outros países da região. Para o BCB, a China teria investido no Brasil, em 2010, apenas US\$ 392 milhões, estando em 20º lugar entre os principais investidores diretos no Brasil neste ano, o que certamente não é verdadeiro e lança luz novamente sobre os mecanismos que alimentam este tipo de empreendimento por parte do governo chinês.

5 Conclusão

A investida econômica chinesa na América Latina, tal como aconteceu em outros continentes, primeiramente abrangeu a área do comércio, tornando a China um parceiro vital de vários países da região – inclusive e de forma primordial o Brasil, onde a corrente de comércio (exportações +importações) com a China já é superior a corrente de comércio com os EUA. A Argentina, Chile e Peru aumentaram o seu grau de interação com a China, mas mantendo as relações com os EUA e os mercados regionais como destinos importantes (Barbosa, 2011). Por outro lado, o México, que não possui commodities de importância para a China e cuja economia acha-se umbilicalmente ligada a dos

EUA, não expandiu suas vendas nesta direção. Colômbia, Equador e Uruguai, por motivos diversos também estão nesta categoria. Contudo permanece a tendência de alta do comércio chinês com a América Latina, deslocando de forma contínua a hegemonia comercial norte-americana em termos reais e potenciais.

Até meados da década dos anos 2000 o IDE chinês era pouco mais do que residual, sendo que para a maioria dos países da região, estes fluxos significavam menos do que 1% do total do IDE agregado. Esta situação começa mudar fortemente a partir de 2008 e apesar das falhas dos aparatos de contabilidade nacional regionais em avaliar o fenômeno este está crescendo rapidamente. Como foi discutido aqui, as principais razões parecem ser: a) busca de novos mercados; b) superação de barreiras comerciais existentes; c) percepção das oportunidades abertas na América Latina com a crise americana; d) condução política da estratégia de “going global” que não pode ser plenamente atingida somente pela exportação/importação de mercadorias.

Ao que tudo indica, mantidas as tendências atuais a China irá transitar de um ator de peso médio para um ator de peso igual ou superior ao dos EUA no continente. O nível de engajamento está aumentando e absorvendo um número crescente de atores em variados graus de cooperação bilateral e mesmo multilateral – como é o caso da entrada da China no BID- Banco Interamericano para o Desenvolvimento.

Essas projeções não podem deixar de ameaçar o “hegemon” norte-americano na região. Mesmo considerando o peso dos enormes interesses que unem China e EUA, formando, como querem alguns, (Pinto, 2011) um verdadeiro eixo sino-americano que seria o elemento primordial do sistema atual do capital globalizado, o desafio à hegemonia americana ganhou força nos últimos anos e especialmente após a crise de 2008-2012.

Não estão claros porém os benefícios. Existe uma real cooperação sul-sul, ou estamos diante de um novo impulso de livre comércio movido por fortes interesses imperialistas, que estivessem promovendo uma desestruturação da indústria na região e ao mesmo tempo, capturando recursos naturais que no futuro farão falta? Estas dúvidas que não podem ser respondidas plenamente agora, sugerem cautela e uma política de evitar alinhamentos muito aprofundados.

Referências

ACIOLY, Luciana; ALVES, Maria Abadia S.; LEÃO, Rodrigo P. Ferreira. (2009) *Internacionalização das Empresas Chinesas*. Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada. Nota Técnica. Brasília: IPEA.

BARBOSA, A. China e América Latina na nova divisão internacional do trabalho. . In: LEÃO, R & PINTO, E & ACIOLY, L. *A China na nova configuração global: impactos políticos e econômicos*. Brasília. IPEA.

BCB – Banco Central do Brasil.(2013) *Estoque de investimento estrangeiro direto: notas explicativas*. Brasília.

BUREAU OF ECONOMIC ANALYSIS - BEA. U.S. (2011). *Direct Investment Abroad: Balance of Payments and Direct Investment Position Data. Annual Data. Country by industry detail. Position on a historical-cost basis*, disponível em <http://www.bea.gov/international/di1usdbal.htm>. Acessado em dez de junho de 2013.

CEPAL – Comissão Econômica para América Latina e Caribe. *O investimento Estrangeiro direto na América Latina e Caribe*. Documento informativo. 2010. Disponível em: <

http://www.eclac.org/publicaciones/xml/4/43304/2011-238_LIEP_2010-WEB_PORTUGUES.pdf.
Acessado em nove de julho de 2013.

GILPIN, R. (2002). *A Economia política das relações internacionais*. Brasília: UnB.

GONÇALVES, R. (2002). A empresa transnacional. In: KUPFER, D., HASENCLEVER, L. (Org.). *Economia Industrial*. Rio de Janeiro: Elsevier. (pp. 389-411).

JACQUES, M. (2012). *When China rules the world*. London. Penguin Books.

KUIK, C. (2012) O multilateralismo da China em evolução na Ásia – as explicações da Aussenpolitik e da Innenpolitik. In: CALDER, K. & FUKUYAMA, F. *Multilateralismo na Ásia Oriental – perspectivas para a estabilidade regional*. Rio de Janeiro. Rocco

MOFFITT, M. (1984). *O dinheiro do mundo: de Bretton Woods à beira da insolvência*. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

MOYO, D. (2012). *Winner take all – China's race for resources and what means for us*. London. Penguin Books.

OLIVEIRA, H. (2012). *Brasil e China – Cooperação Sul-Sul e parceria estratégica*. Belo Horizonte. Fino Traço Editora.

PINTO, E. (2011). O eixo sino-americano e as transformações do sistema mundial: tensões e complementaridades comerciais, produtivas e financeiras. In: LEÃO, R & PINTO, E & ACIOLY, L. *A China na nova configuração global: impactos políticos e econômicos*. Brasília. IPEA.

SILVA, Luciana Acioly. (2006) *Tendências dos Fluxos Globais de investimento Direto Externo*. Instituto de Pesquisa econômica e Aplicada. Texto para Discussão nº 1192. Brasília: IPEA.

THE HERITAGE FOUNDATION. (2013) *China global investment tracker interactive map*. Disponível em : <<http://www.heritage.org/research/projects/china-global-investment-tracker-interactive-map>>. Acessado em dois de fevereiro de 2013.

UNCTAD - United Nations Conference on Trade and Development. (2013) *Foreign Direct Investment (FDI)*. Disponível em: <<http://unctadstat.unctad.org/ReportFolders/>>. acessado em quinze de junho de 2013.

UNCTAD.- United Nations Conference on Trade and Development. *World Investment Report*. 2010.